

## **Violências Entre Cidade e Mídia: Uma Análise Discursiva Das Narrativas Do “RJ1” Acerca Das Milícias No Rio de Janeiro<sup>1</sup>**

Laís Rodrigues Cavalcante<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense (UFF).

### **RESUMO**

Esta pesquisa busca analisar quais são os sentidos mobilizados pelo telejornal *RJI* sobre a atuação dos grupos conhecidos pelo nome de *milícia*<sup>3</sup> no estado do Rio de Janeiro. Este é um desdobramento do meu trabalho de graduação, no qual analisei de forma ampla as coberturas sobre violência urbana no programa entre os anos de 2018 e 2019. Ao longo de minha pesquisa anterior, pude perceber que as menções aos crimes perpetrados por milícias cresciam progressivamente nas reportagens. Nesse sentido, quis entender de que forma são produzidas as representações sobre esses grupos, já que durante as três décadas de exibição do programa, temos a imagem do traficante varejista de drogas morador de favela como sendo a fonte dos problemas de segurança pública (MENDONÇA, 2018). Dessa forma, a principal pergunta que incide nesta pesquisa é: quais sentidos sobre milícia são postos em funcionamento no programa em suas narrativas sobre a segurança pública da cidade? O recorte sobre o período analisado refere-se ao ano de 2021 e os primeiros meses de 2022, uma vez que o objetivo é avaliar que deslocamentos discursivos são produzidos neste novo momento de abordagem das milícias. A escolha por analisar o *RJI*, o antigo *RJTV – 1º Edição*, deriva de sua presença constante na rotina de sua vasta audiência no contexto metropolitano e de outras cidades que margeiam a Grande Rio<sup>4</sup>, pois suas coberturas integram o repertório de preocupações e assuntos do cotidiano dos telespectadores. O telejornal é transmitido de segunda-feira a sábado na região metropolitana, em TV aberta, pelo canal *TV Globo*. O *RJTV* é dividido em duas edições,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-Niterói). Graduada em Estudos de Mídia pela mesma instituição. E-mail: laiscavalcante@id.uff.br.

<sup>3</sup> Vale destacar que a escolha de trabalhar o conceito do problema a partir da palavra “milícia” refere-se ao seu sentido de categoria nativa.

<sup>4</sup> A região metropolitana do Rio de Janeiro é conhecida como “Grande Rio” e é composta por 18 municípios do entorno da capital fluminense.

a primeira que é a que compõe a análise dessa pesquisa é o *RJ1*, a versão matutina, que se inicia ao meio-dia e tem duração de cerca de 50 minutos, já o *RJ2* é a edição noturna, que conta com uma média de 25 minutos de duração e inicia-se às 19h20. O veículo define a si mesmo como um “Telejornal local com foco na prestação de serviço. Conta com a participação de comentaristas especializados em segurança, saúde e administração pública”<sup>5</sup>. Vale destacar que essa escolha também refere-se às estratégias de autoridade (MENDONÇA, 2002) adotadas pela *Rede Globo*, como por exemplo a performance de um jornalismo isento e sóbrio. Devido ao foco que o programa dedica à questão da violência urbana, através de reportagens diárias, o telejornal fluminense configura um ator relevante sobre o modo como os conflitos sociais são representados, pensados e narrados em nossa sociedade. Um destaque importante é que o jornalismo televisivo, segundo a mais recente pesquisa do PBM<sup>6</sup>, configura-se como a plataforma em que residentes do Brasil mais se informam sobre o que ocorre no país. Podemos afirmar que estamos em um panorama de transformações no cenário que diz respeito ao tipo de consumo midiático. O uso de *smartphones* torna-se cada vez mais imprescindível para estar incluído em diversas formas de sociabilidades contemporâneas. No entanto, autoras como Iluska Coutinho (2018) demonstram que a popularidade de outros dispositivos também está atrelada a uma ampliação da visibilidade de produções noticiosas realizadas por telejornais brasileiros. Em suas palavras: “Entre o controle remoto e os cliques, a experiência com os noticiários de televisão é ampliada” (COUTINHO, 2018, p. 4). A metodologia adotada parte da Análise de Discurso francesa e abarca recursos voltados aos estudos audiovisuais: a gravação das reportagens do *corpus*; o acompanhamento diário do programa; e o levantamento teórico a ser aplicado nas matérias selecionadas para análise. A pesquisa, que encontra-se em estágio preliminar, busca trabalhar com discussões que contribuam para as reflexões em torno das disputas de sentidos presentes nos meios de comunicação, pois ainda que o sentido possa ser sempre outro, ele nunca é qualquer (PÊCHEUX, 1997). A fundamentação teórica contará com três eixos principais: as obras dedicadas às reflexões sobre televisão brasileira; os estudos sociológicos que fornecem a historiografia e o entendimento conceitual das milícias no Brasil; e a

---

<sup>5</sup> Descrição do programa na plataforma de streaming “Globoplay”. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/rj1/t/hcSthQ56JW/> em 10/08/2021.

<sup>6</sup> Pesquisa Brasileira de Mídia. Disponível no antigo site da Secretaria Especial de Comunicação Social: <http://antigo.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view> . Acesso em 15/03/2022.

bibliografia levantada para trabalhar com os princípios e procedimentos da Análise de Discurso. A fim de contextualizar historicamente a atuação das *milícias* no Brasil, mobilizo os autores José Cláudio Alves (2020); Ignácio Cano e Thais Duarte (2012); e Bruno Paes Manso (2020), além de contar com o auxílio do Relatório da Comissão de Inquérito Parlamentar das Milícias de 2008. O arcabouço teórico-metodológico da A.D. é sobretudo composto pelas obras “Semântica e Discurso” (PÊCHEUX, 1997); “Análise de Discurso” (ORLANDI, 2020); e “As formas do silêncio” (ORLANDI, 2018). O eixo dedicado a pensar a Televisão nos estudos de comunicação social tem suas principais reflexões calcadas nos estudos de Itânia Gomes (2009); Iluska Coutinho (2008) e Muniz Sodré (1992;2006). A pesquisa ainda se utiliza das conceituações de *violência* trazidas por Marilena Chauí (1999;2006); Michel Misse (2008a;2008b); Kleber Mendonça (2018) e Yve Michaud (1989). Por fim, para avaliar as discussões sobre a administração pública de conflitos no Brasil o trabalho convoca Kant de Lima (1996); Cecília Coimbra (2001); Roberto DaMatta (1997); e novamente Chauí (2006). Outra autora que é de grande relevância para esta pesquisa por estudar um tema bastante parecido é a linguista Graciely da Costa com a obra “Sentidos de milícia” (2014). Por tratar-se de uma pesquisa em estágio inicial, não é possível sustentar por meio dos dados coletados até agora a verificabilidade dos resultados. Ao construir uma planilha no *Excell* levantando as menções do programa à palavra milícia do início de 2021 até os dias de hoje, constatei uma crescente atribuição dos crimes denunciados pelo programa a grupos milicianos com recorte de classe, raça e gênero definidos. Esses resultados serão analisados à luz do dispositivo teórico-metodológico apresentado. O trabalho previsto para ser entregue em forma de dissertação ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFF pretende contribuir à sociedade acadêmica com algumas discussões sobre a interface do jornalismo audiovisual com os sentidos que estão em jogo no tratamento de uma das manifestações da violência urbana: os crimes de *milícia*.

## **PALAVRAS-CHAVE**

“RJ1”; Milícia; Telejornalismo; Análise de Discurso; Violência.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, J. **Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

CANO, I. & DUARTE, T. **No sapatinho: a evolução das milícias no Rio de Janeiro (2008 – 2011)**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

CHAUÍ, M. **Uma ideologia perversa: explicações para a violência impedem que a violência real se torne compreensível**. In Caderno Mais, Folha de São Paulo, 14 mar. 1999.

CHAUÍ, M. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006.

COIMBRA, C. **Operação Rio: o mito das classes perigosas**. Niterói: Intertexto, 2001.

COSTA, G. **Sentidos de milícia: entre a lei e o crime**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

COUTINHO, I. **Comunicação e cultura visual**. In COUTINHO, I. e MENDES, P. (Orgs). Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

COUTINHO, I. **Com telas e afeto: para fazer um telejornal predileto e inclusivo**. Anais: Intercom. Juiz de fora, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1649-1.pdf>.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: uma interpretação do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GOMES, I. **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009. 298 p.

KANT DE LIMA, R. **A administração dos conflitos no Brasil: a lógica da punição**. In VELHO G. e ALVITO, M. (Orgs). Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

MANSO, B. **A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.

MENDONÇA, K. **A punição pela audiência: um estudo do Linha Direta**. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

MENDONÇA, K. **A "pacificação" dos sentidos: mídia e violência na cidade em disputa**. Rio de Janeiro: Editora Caravanas, 2018.

MICHAUD, Y. **A Violência**. São Paulo: Ed. Ática, 1989

MISSE, M. **Acusados e Acusadores: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações**. Rio de Janeiro: Revan/Faperj, 2008a.

MISSE, M. **Dizer a violência**. In Revista Katálysis, vol. 11, no.2 Florianópolis, Julho/Dez. 2008b.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 13ª edição. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SODRÉ, M. **O Social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia.** São Paulo: Ed. Cortez, 1992.

SODRÉ, M. **Sociedade, Mídia e Violência.** Porto Alegre: Coleção Comunicação 22, 2006.